

VOCACIONAL – UMA AVENTURA HUMANA

LISTA DE DIALOGOS PORTUGUÊS

OFFS DE EX-ALUNOS

Uma alegria enorme de ir pra escola. Isso era uma coisa que eu lembro que chocava minha família. Bem, o que se faz aos 12 anos de idade? Se mergulha num mundo totalmente diferente de tudo aquilo que existia.

Aprendi a encarar a vida de frente. Aprendi a me manifestar. Pleitear aquilo que eu quero. A brigar por alguma coisa que eu preciso.

Nós aprendemos que não precisa ter medo de ser você mesmo. Então eu não temo porque eu vou enfrentar as conseqüências.

Alguma coisa dentro do meu organismo sentia que eu era livre. Que eu podia me expressar. Que eu podia ter uma liberdade entre meus colegas de classe. Entre os professores, entre os orientadores.

Durante muitos anos eu tive um sonho. Um sonho mesmo. Às vezes eu não sabia se estava dormindo ou acordada, mas eu tinha um sonho: Que era poder caminhar por aqueles corredores e mostrar pro meu filho que aquilo ali existiu, sabe? Que aquilo era de verdade. Que aquilo ali estava ali. Sabe uma coisa de você poder caminhar pelo corredor e só mostrar pro meu filho que um dia existiu uma escola como aquela.

TONI VENTURI

1967. Tinha 11 anos quando andei pela primeira vez por estes corredores.

Fiz uma prova de admissão e entrei no Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha em São Paulo.

Eu não imaginava que iria fazer parte de uma das experiências mais ousadas da educação pública no Brasil.

OLGA BECHARA

A educação brasileira naquele momento estava muito discutida. Era no pós guerra. Então, o desenvolvimento tecnológico, científico, as novas propostas econômicas estavam fervilhando. E aqui em São Paulo apareceu uma portaria das classes experimentais. E em Socorro a Maria Nilde, muito corajosa, estava entusiasmada para fazer uma escola diferente e com essa portaria nós começamos uma escola diferente. Eu digo “nós” porque eu estava lá como professora efetiva de educação.

CECÍLIA GUARANÁ

Que eram experiências educacionais chamadas classes experimentais. Nós levantávamos objetivos filosóficos, psicológicos, pedagógicos. Era o homem como cidadão do mundo. E como cidadão ele tinha condições de tomar consciência do seu papel e ser um agente transformador .

OLGA BECHARA

Era muito inspirado no personalismo de Emmanuel Mounier (filósofo francês): Que é do ser humano ser pessoa e sujeito da sua história.

O secretário da Educação, através da reforma do ensino industrial no Estado de São Paulo, abriu um artigo criando os ginásios Vocacionais e chamou a Maria Nilde para montar as primeiras escolas Vocacionais. As quatro séries que seriam hoje de quinta à oitava era o que constituía o ginásio.

CECÍLIA GUARANÁ

E iam funcionar naquele primeiro ano de 62 três unidades com características bem diferentes: São Paulo, um centro cosmopolita. Americana, um centro industrial. E Batatais, uma cidade mais agrícola.

ÁUREA SIGRIST

O currículo previa treze áreas centralizadas, integradas em Estudos Sociais como centro. Então nós tínhamos as disciplinas comuns, mas tínhamos também práticas agrícolas, práticas comerciais, artes industriais, educação doméstica, artes plásticas. Era uma perspectiva de fazê-lo sentir as várias facetas da cultura humana. De homem livre e agente transformador da sociedade.

FABIO CARAMURU

Estranhei muito aquela coisa de você ter a oportunidade de você se manifestar. De você não ser avaliado por padrões rígidos. Então aquilo tudo como criança pra mim funcionou como uma abertura muito importante.

Eu lembro das saídas também pra ver determinadas projeções ou peças de teatro. Paulo Autran também teve uma peça. “O Burguês Fidalgo”, essa marcou bem. Que a gente foi assistir depois tinha o papo. E as crianças conversando com toda a liberdade com esses atores. Isso era muito legal.

Você sabe que lá no “EM - Educação Musical”, gozado, eu não me interava muito das coisas. Aquela coisa de flauta eu não gostava muito, eu não curtia.

PROFESSORA DE "EM

1, 2. Lá, si, si, lá, si, si, lá. Vamos tentar tocar por partes. Todas as meninas. 1, 2. Isso, muito bem.

LÉA FREIRE

Aí começava aquela flautinha. A maldita flauta doce que todos nós tivemos. Todo mundo tocava ao mesmo tempo aquele negócio. No recreio era absolutamente insuportável. Aquele Pí, PI, PI.

HOMEM SENTADO AO LADO DE LÉIA

É um som que vem na minha cabeça. O som do corredor.

CLÁUDIO COHEN

Eu me lembro do primeiro dia de aula do Vocacional. Nós chegamos, fomos divididos em grupos. Eles nos levaram pra conhecer a escola. Para conhecer onde era o Norte, onde era o Sul. Já tinha uma preocupação de fazer as pessoas se situarem. Depois eu me lembro que nós fomos para uma sala, assistimos um filme sobre o cânone. E uma discussão sobre um desenho e a gente discutiu o significado. Então desde o primeiro dia a gente era exposto a situações que exigiam uma forma de discussão, de raciocínio com o grupo.

CIDA SCHOENACKER

Eles passam por uma entrevista em que se tem quase uma definição, ainda que precária, do perfil sócio econômico, das suas relações familiares. Esse indivíduo é visto dentro do contexto da comunidade. A gente já fez o estudo da comunidade. Por exemplo, o Brooklin tinha em torno de 10% a 15% de classe D, um bom reduto de classe média e um percentual de classe alta. A escola tinha essa representatividade. O filho do zelador do prédio, do cara que morava quase na favela lá embaixo, ele estava na escola porque tinha que entrar dentro desse contexto do 15% que a comunidade tinha de classe C e D.

PAULO RICARDO SIMON

Eu aprendi a conviver com o filho do padeiro e com o filho do banqueiro da mesma forma. E todos nós usávamos a mesma roupa: Uma calça cinza ou uma saia cinza, uma blusa branca e um blusão cinza com punhos vermelhos, gola vermelha.

ELIANA MARKUM

E eu não me lembro de ninguém, durante o tempo em que eu estudei no Vocacional, que a gente falasse “deixa esse cara pra lá”. Não existia isso. Isso meus filhos não tiveram. Eu acho uma pena eles terem sido obrigados a estudar em colégio particular onde todo mundo fica disputando o celular, o relógio.

GIUSEPPE PORTO

Eu e meu pais somos imigrantes. Meu pai lá na Itália era serralheiro. Minha mãe foi trabalhar em laboratório, mas era operária também. Meus pais ficaram sabendo do Vocacional. Uma escola que não precisava pagar, o que era uma grande coisa.

Eu nunca me senti discriminado. Quando a gente viajava, viajava todo mundo junto. Quando a gente brincava, brincava todo mundo junto. Estávamos todos no mesmo barco. Eu acho que a importância econômica aqui era em segundo ou terceiro plano. Tanto é que ela não fazia diferença. Ela fazia parte do nosso dia a dia.

PAULO ÂNGELO MARTINS (PÔ)

Hoje a escola modificou muito.

ELIANA MARKUM

Esse muro é uma vergonha, pelo amor de Deus.

PAULO ÂNGELO MARTINS (PÔ)

Esse muro aqui não existia. Isso aqui na realidade era uma grande escadaria.

ELIANA MARKUM

Tinha o pátio, uma escadaria e um prédio lá em cima.

PAULO ÂNGELO MARTINS (PÔ)

Um pátio coberto. E um prédio que era nosso colegial.

ELIANA MARKUM

E uma saída que era por ali.

PAULO ÂNGELO MARTINS (PÔ)

Chegava aqui às 6.30h/ 7h da manhã. Quando você chegava nas área dos armários, aí começava a socialização. Tinha que conversar com todo mundo, pedir emprestado, ver o que você não trouxe. Pedir emprestado pro outro. Ver o que você tinha guardado de reserva...

ELIANA MARKUM

O lanche de ontem.

PAULO ÂNGELO MARTINS (PÔ)

O lanche de ontem. A meia de educação física que você não levou pra casa pra lavar. Alguém te pedia um tênis emprestado.

LUIZ CARLOS MARQUES (LUIGY)

Tinham duas turmas, uma ia almoçar e uma outra turma estava servindo. Isso era em consonância com a aula de educação doméstica. Aqui era cheio de mesas, com oito, dez lugares se não me engano.

SHIGUEO WATANABE JR.

É.

LUIZ CARLOS MARQUES (LUIGY)

Banquinhos.

SHIGUEO WATANABE JR.

Daí você entrava na fila por lá.

LUIZ CARLOS MARQUES (LUIGY)

Tipo bandeirão.

OFFS DE EX-ALUNOS

O cardápio era feito aqui, coordenado com a cantina para toda a escola e colhia as hortaliças, alguma coisa que a gente tinha aqui. Aí dentro de Economia Doméstica você tinha enfermagem.

Os meninos aprendiam a pregar botão.

A lavar roupa.

Passar roupa. E cuidar de criança, de bebê.

Aplicar injeção em laranja. Trocar fraudada.

RENATA DELDUQUE

Uma coisa fantástica que a Educação Doméstica fazia em integração com as outras matérias... Nós já fazíamos trabalho comunitário. Há 40 anos atrás. Hoje que é considerado moderno as escola fazerem que é o trabalho social, o trabalho comunitário, o envolvimento com ONGs etc. Nós fazíamos nos postos de saúde, em favela.

SHIGUEO WATANABE JR.

Na terceira série eu fui presidente do banco, aí eu fui negociar com o Laudo Natel para ver se o Bradesco podia imprimir os talões de cheques pra gente.

LUIZ CARLOS MARQUES (LUIGY)

Não aconteceu...

SHIGUEO WATANABE JR.

Aconteceu! A gente tinha talão de cheque bonitinho. A gente tinha o carimbo com o nome do aluno que tinha conta. Então o seu talão saía personalizado porque a gente mimeografava cada uma das folhas.

ANTÔNIO PETRIM

Eu me lembro. Tinha um professor de matemática que ele ensinava matemática assim: "A cantina da escola quem vai dirigir são vocês. Então vocês vão vender, vocês vão administrar". Isso tudo feito pelo alunos. Isso era uma coisa maravilhosa! Eu vi os alunos fazendo as contas. Quantos pastéis, quantos tipos de bala, quantas guloseimas. Enfim, o balancete e tal. Isso era ensinar

matemática. Então esses alunos que estiveram ligados a esse momento jamais acharam que a matemática era um bicho de sete cabeças.

TONI VENTURI

Hoje ando perplexo por estes corredores... Como um projeto tão inovador como este chegou ao fim?

40 anos depois a educação brasileira parecer estar anos luz da experiência que vivemos...

SHIGUEO WATANABE JR.

A dedicação que foi dado ao professor naquela condição. Ele ficava seis meses em treinamento antes de pegar uma sala de aula. Na hora em que ele pegava a sala de aula ele tinha uma dedicação integral aqui dentro e aí todo o resto da estrutura acompanhando e suportando ele a descobrir como fazer integração com as outras matérias. A como trabalhar com síntese, a como trabalhar com o grupo porque não devia ser simples. Ninguém tinha as regrinhas de como trabalhar...

ELIANA MARKUM

Não tinha receita.

RENATA DELDUQUE

A experiência do Vocacional foi muito mais importante para os professores do que relativamente para os alunos. Eles ganhavam bem, mais do que qualquer professor da rede pública, às vezes até mais do que alguns professores universitários. Eles eram obrigados, num certo sentido, a se interessar por literatura, teatro, cinema. Não podiam abandonar o interesse por tudo que acontecia no mundo cultural.

ANTÔNIO PEDRO ZAGO

Então eu era um jovem de 24 anos. Idealista. Querendo trabalhar com educação. A gente acreditava que Educação transformava o mundo sim, porque não? E o Vocacional veio assim de encontro às minhas expectativas.

NEWTON BALZAN

Eu era um professor competente. Mas eu me tornei educador no Vocacional. Foi um passo muito grande de professor para educador. Eu não tinha por exemplo, como professor, formado na USP, eu não tinha ideia do papel afetivo do professor. Para mim era um trabalho intelectual puro. E nós trabalhávamos com alunos em equipe Muito respeito dos alunos para conosco. Apesar de sentarmos ao lado deles, estudarmos com eles, jogarmos bola com eles nos intervalos. E nós éramos apaixonados pelo que fazíamos, os alunos também.

ANTÔNIO PEDRO ZAGO

A gente trabalhava além do período, Toni, sem ganhar, sem remunerar. Sabe?

ÁUREA SIGRIST

O Vocacional abriu a minha cabeça. Mas me deu uma visão de mundo, uma visão de homem, uma visão de liberdade, uma visão de respeito profundo ao ser humano.

EVANDRO JARDIM

Eu fui informado que no Vocacional você poderia trabalhar com Arte. O que seria trabalhar com Arte? Seria se aproximar desse fenômeno que eu entendo como “manifestação poética”. O que

seria “manifestação poética”? É uma espécie de passagem que você vive de um “não ser” para um “ser”. E isso em termos de arte poderia ser um projeto, uma vontade de realizar alguma coisa. Lá se aprendia pela experiência. Quer dizer: Um praticar é tão importante quanto um pensar. Você entrava num processo de um fazer, pensar, voltar a fazer, voltar a pensar.

O outro objetivo seria aquele mais ligado a uma educação integral. Aonde todas as áreas do conhecimento se comunicavam, trocavam experiências, etc etc. Nesse ponto, eu acho que tínhamos uma área vizinha que muito colaborou com isso que foi Artes Industriais. Artes Industriais e Artes Plásticas quando se aproximavam, elas atingiam assim uma qualidade de design.

Eu tenho a impressão que os nossos ex alunos tiveram a oportunidade de vivenciar a prática, vamos dizer, de uma inteligência sensível.

ANITA FELDMAN

Eu acho que era todo o sistema, toda aquela integração de fato. O fato de você poder se expressar numa aula de teatro como nós tínhamos. Como você podia se expressar numa aula de Artes Plásticas com o Babinsky. (Artista Plástico)

CIBELE DE ABREU

Nos davam brochas, tintas, latas pra pintar vitrais, pra gente decorar a parte física da escola. Isso era maravilhoso com a professora Celeste!

FABIO MECHETTI

Tinham as aulas de Educação Musical que existiam por lá, mas também as aulas de outras matérias que juntamente com música criam um indivíduo criador, atuante na parte artística. Como é exemplo de vários de nós que se tornaram artistas. Cada um na sua área.

TONI VENTURI

Sobraram alguns resquícios aqui das nossas aulas de Artes Plásticas. Você pegou que professores de Artes Plásticas? Você se lembra, fundamentalmente?

GUSTAVO VENTURI

Fundamentalmente a Celeste. Para mim a Celeste é uma das professoras mais marcantes do período.

TONI VENTURI

Por quê?

GUSTAVO VENTURI

Porque ela exercitava... Enfim, todos. Mas as aulas dela me marcavam muito. A gente chegava aqui depois de fazer um Estudo do Meio rápido em torno da Escola. Então um dia saíamos para desenhar livremente o que quisesse. Chegava, colocava em círculo. Era meia sala quando tinham Artes Plásticas, Artes Industriais, então era no máximo 20 alunos. E o grupo decidia qual era o desenho que ia ser discutido primeiro e ao ser escolhido o desenho, o primeiro a falar era o autor: “O que eu quis fazer, consegui isso, não consegui aquilo”. Ou seja, a famosa auto crítica. Depois o grupo fazia a crítica e por último, se necessário, ela fazia uma intervenção.

NEWTON BALZAN

Haviam provas bimestrais, mas a prova não era tudo. Ele era avaliado pelo trabalho dele na equipe. Ele era avaliado pelos resumos de livros que ele fazia. Era avaliado pela liderança ou não numa equipe.

LÉA FREIRE

E a coisa mais legal do mundo era a auto avaliação! Onde se aprende a auto crítica que vai evitar que você fique o resto da vida colocando a culpa nos outros.

LUIZ HENRIQUE PITOMBO

Eu fiz muita farra, falei muito. Não estudei. Não trabalhei, não levei o trabalho. Você se auto avaliava, o grupo se auto avaliava. Isso te dava um conceito e esse conceito tinha peso na promoção etc. E isso evidentemente ajudava a gente a se conhecer.

OLGA BECHARA

Então, não adianta você ficar falando “ah, você é isso você é aquilo”. Se ele não percebe que ele é. Se ele não vê que ele é.

LÚCIA HELENA GAMA

Eu acho que dá um sentido de autocrítica muito profundo. E às vezes até uma coisa que pode te inibir se você não percebe que você tem que superar isso. E mesmo com a auto crítica se enfiar nas coisas. Mas eu acho que é muito poderoso isso na gente.

MARIA TERESA BERTOLLINI

E aí, quando vinha o gráfico você dizia: “Tá vendo? Eu me dei uma nota certa. Eu tenho uma boa imagem de quem eu sou. Eu acertei na minha avaliação.” Isso dava uma segurança para gente. Acho que a gente tinha muito segurança.

ARY JACOBUCCI

Eu costumo dizer na verdade que o Vocacional fez uma “revolução copernicana” na educação. Ou seja, o Vocacional tirou exatamente aquilo que estava centrado como ato pedagógico no professor. E trouxe juntamente também para os alunos.

MARCOS FROTA

Uma inquietude criativa, intuitiva. E que nos permite essa liberdade de ousar, de tentar!

PRISCILLA ERMEL

Porque lá a gente tinha condição de ousar. E se não dava certo caía logo também. Isso é legal.

ZAÍRA DE ABREU

O laboratório de ciências. A gente estava fazendo uma experiência com iodo metálico. Tinha que pegar o tubo de ensaio, invés de olhar aqui eu fui virando e no que virou caiu aqui uma placa de metal. E ficou uma placa sólida de metal. Eu abaixei, tinha um menino na minha frente que era o Otaviano que gritou “A Zaíra ta queimando viva”.

E nisso a professora Berta levantou meu rosto e por milímetros e milímetros eu não sou cega hoje em dia. Foi uma queimadura feia de terceiro grau. Ficou um buraco no meu rosto. Aí no dia seguinte eu cheguei ao colégio não tinha nenhum espelho. Eu acho que as pessoas nunca se deram conta disso, que nos banheiros não tinham espelhos. E foram tirados pra eu não ver minha cara.

Na semana seguinte eu tive que fazer essa experiência para todo mundo do Vocacional. Eu ficava no laboratório e as classes iam rodando para mostrar para todos que não era tão perigoso e que tinha sido um acidente realmente. Então com isso, em 1969, fiquei amiga de todo mundo.

TONI VENTURI

Lembro vagamente da Dona Maria Nilde. Uma mulher que mancava, só mais tarde soube que ela sofria de artrite.

Certa vez, um aparelho do laboratório foi roubado. Não sei se era um microscópio, mas era algo bem valioso.

Ela reuniu todo mundo na quadra. Disse que cedo ou tarde iriam descobrir o autor do furto e que este iria assumir as conseqüências. Mas se nas próximas 24 horas o responsável devolvesse o objeto e fizesse autocrítica, seu ato seria revisto e ele não seria exposto aos colegas.

No dia seguinte, o aparelho reapareceu no laboratório, intacto.

ARY JACOBUCCI

Eu vi nela uma enciclopédia. Ela fez pedagogia, ela fez teatro, ela fez psicologia, ela fez sociologia, ela fez línguas clássicas, ela fez piano. Enfim, Maria Nilde na verdade... Só de um gênio como Maria Nilde poderia ter saído realmente um ginásio como esse.

ÁUREA SIGRIST

Ela tinha uma capacidade criativa enorme. Competente, equilibrada e justa. É muito difícil encontrar na administração pública alguém com esses predicados.

ÂNGELO SCHOENACKER

Maria Nilde eu caracterizo como a maior educadora que o país já teve. Com uma visão humanística, uma percepção da realidade fora de série. Não posso dizer mais coisas. Eu trabalhei junto com ela, briguei muito com ela, entendeu?

OLGA BECHARA

Ela era uma personalidade forte, corajosa, fora de dúvida. E arriscava.

MARIA NILDE

“O Ensino Vocacional é uma experiência que se desenvolve no Estado de São Paulo através de algumas escolas secundárias com o principal objetivo de levar o jovem à descoberta da sua personalidade. Conhecendo seus interesses, as suas aptidões e percebendo o mundo e a si mesmo a fim de situar-se na sociedade. E aí desempenhar o seu papel de homem transformador”.

SILVANA MASCELLANI

E ela nunca falou assim: “Não, a ideia foi minha. Eu que fiz”. Não. O Vocacional foi fruto de um grupo de trabalho. O que se deve creditar à Nilde é essa firmeza. Que em um grupo de trabalho teve pulso firme pra manter, para aglutinar a coisa.

DIRCE FREIRE

Ela era capaz de dominar uma assembléia de pais que eu ficava até sufocada de ver porque ela, com a vizinha tranqüila, suave. Aquele monte de gente tinha pais de todas as classes sociais. Ela conduzia aquilo, a gente nem percebia que a gente era conduzido, mas era uma delícia, era uma coisa impressionante. Não era uma reunião que.. “ah, precisa acabar esse negócio”. Pelo contrário.

PAULO ÂNGELO MARTINS (PÔ)

A coisa legal era que a gente estabelecia os objetivos que a gente queria alcançar no começo do ano e os pais que participavam sabiam exatamente o que a gente ia estudar. Havia um debate no início do ano.

OLGA BECHARA

Planejava os bimestres através de um fato, um problema que estava acontecendo no meio ambiente, na sociedade, na comunidade e se lançava o grande problema.

ANTÔNIO PEDRO ZAGO

Então, aquilo que era levantado na plataforma em termos de objetivos a serem alcançados no bimestre, o que Matemática pudesse aproveitar dali a gente trabalhava em cima, a gente participava da Plataforma também como professor de matemática junto com os alunos. A assembléia era conduzida por eles na plataforma, certo? Dali, com o auxílio do professor de Estudos Sociais, e a gente presente, tirava-se a grande unidade pedagógica do bimestre, os conceitos que seriam trabalhados e as atitudes que seriam trabalhadas.

ANDRÉ GURGEL

Eram grandes conclaves no começo do ano. Todo mundo reunido ali no refeitório. Uma semana decidindo o que se ia fazer.

Na verdade, era o grande tema do que se iria estudar no ano.

ARY JACOBUCCI

A escola não deve ser uma ilha. A escola faz parte ativamente do processo educacional. Ela está contida com os problemas da sociedade e ela deve tentar também discutir esses problemas dentro da escola.

ERICH HETZL JR.

“Vamos estudar serra da Mantiqueira”, por exemplo. Eram os chamados “Estudos do Meio”. A gente ia até o local para aprender, para vivenciar, conhecer.

SILVIO HETZL

No primeiro ano, você estudava a cidade. No segundo ano, vamos dizer, seria o Estado. O terceiro ano seria o Brasil. Eu tive a oportunidade de conhecer a usina de Urubupungá. O Estádio no Mineirão. O quarto ano seria já fora do Brasil. Inclusive não era um passeio, era um trabalho. A gente tinha que fazer relatório.

CECÍLIA GUARANÁ

O primeiro Estudo do Meio foi o estudo da própria escola. Conhecer as funções das pessoas, conhecer o locais, o papel do professores, de cada um.

OFF DE UM EX ALUNO

Estudando o ciclo do café. Então íamos lá para região das fazendas de café. Estudando a industrialização de São Paulo a gente ia para o Braz.

NEWTON BALZAN

E os alunos de Barretos, Batatais, Americana, São Paulo e Rio Claro. Todos de sétima série passaram dez dias nessas cidades históricas de Minas Gerais estudando o Barroco Mineiro. Em ciências, como que aquele calcário todo formou as rochas. Em Matemática, calculando o consumo da gasolina e óleo diesel dos ônibus, fazendo um perfil topográfico da paisagem, vendo o barroco nessas cidades preparados para ser uma viagem de estudo de fato.

Voltaram, trabalharam escrevendo por dois dias seguidos, depois uma grande assembléia de síntese dos 120 alunos chegando à conclusão do que nós vimos, o que é o barroco mineiro, o que

são as cidades históricas. O que Belo Horizonte representa para o Sudeste do Brasil e assim por diante.

ALUNO

“As condições físicas também não propiciaram a ocupação e estabelecimento do Homem e podemos citar o relevo dos Andes”.

HOMEM SEM NOME 2

Um ponto pra mim que é um ponto de virada que é um Estudo do Meio que a gente fez em 66 para Itanhaém. Levaram a gente pra Itanhaém acima até uma aldeia de índios que tinha um pouco para cima. E a gente conversou com o pessoal e acima de tudo a gente viu a miséria. Não era uma coisa desconhecida, mas aquele grau de miséria, aquele grau de desamparo foi um ponto de virada. Foi lá que eu voltei pra casa e pensei assim: “Eu preciso fazer alguma coisa. Isso não é bom.” Mexeu assim nas entranhas, então a partir daí o resto é sofisticar esse sentimento.

CECÍLIA GUARANÁ

E o último bimestre praticamente era a síntese de todo o trabalho.

ELISA PITOMBO

A gente já fazia a apresentação gráfica, escrita e aí eu lembro particularmente de Estudos Sociais que eu fiquei na frente. Iam todos os pai e a comunidade participar desse conhecimento. A gente comunicava o conhecimento construído para essa comunidade.

JOÃO SIGNORELLI

Quando terminava o ano, a gente tinha que fazer a síntese. E eu lembro que eu fiz um espetáculo de teatro com Priscila Ermel dirigido pelo Renato Consorte. Em que a Priscila tocava o “samba da bênção” do Vinícius de Moraes e eu declamava o poema do Vinícius.

PRISCILLA ERMEL

A gente fez um espetáculo, cantou “samba da bênção”. A gente agradeceu todo mundo. Tentei ser atriz que foi um desastre, me vesti como índio, passei catchup que secou até eu entrar em cena.

JOÃO SIGNORELLI

Foi muito forte na minha formação como pessoa, como artista, como cidadão. “Para fazer um samba com beleza é preciso um bocado de tristeza porque senão não se faz um samba não.” Foi isso que me marcou, eu subir num palco e poder fazer a síntese de um ano escolar dizendo um poema do Vinícius de Moraes.

OFFS DE EX ALUNOS

Minha profissão é músico.... Turma de 64.... Eu sou professora e médica... Eu sou fotógrafa... Sou pediatra... Sou engenheiro... Meu nome é Madalena... Eu sou psicóloga... Na profissão eu virei fonodíloga.... Tradutor, Intérprete... Eu sou jornalista. Secretário de transportes do Estado de São Paulo...

TONI VENTURI

Hoje vejo que as motivações dos meus filmes, meu olhar para o social e a arte estão ligados à minha formação nos anos do Vocacional.

Nos anos 90, Maria Nilde entrou em contato com alguns ex-alunos que atuam na área de comunicação, com a idéia de fazer um filme sobre a experiência dos Ginásios Vocacionais.

Apesar das muitas reuniões, com debates calorosos e intermináveis. O projeto não deslanchou. Mas ficou me mim o desejo de fazer este filme.

MARIA NILDE

“O Ensino Vocacional desenvolve nos jovens uma atitude crítica perante a realidade e pretende com essa experiência atestar a renovação das demais escolas secundárias. O significado desta experiência educacional a nosso ver, dentro de uma percepção de professores, de pais, e de elementos interessados em educação, deverá marcar o momento da renovação da escola secundária brasileira.”

CECÍLIA GUARANÁ

Havia lá no pátio, estou lembrando de Americana, um painel bem grande que tinha o mapa mundi. Como atualidades era muito importante, a leitura de jornal e tudo, os recortes das notícias eram indicadas, recortadas e afixadas lateralmente. Depois uma fitinha ligava a Guerra do Vietnã, uma fitinha ligava a notícia de jornal à localização do Vietnã. As coisas que aconteciam então estavam todas lá. Eu me lembro também que nos últimos anos, uma visita do Coronel do quinto GCAM de Campinas, Coronel Cerqueira Lima foi lá e começava a questionar aquele mapa, “mas por quê ? Criança dessa idade, que preocupação com o Vietnã. O que isso tem a ver com o estudo deles?” Já era 66, 67. Já tinha outras preocupações.

ERICH HETZL JR.

E haviam assim debates calorosos, que havia a Guerra Fria entre EUA e União Soviética. Kennedy e Kruchev. Aquela briga fria, Fidel Castro por trás com Cuba e havia discussões homéricas na sala de aula, cada aluno dando a sua opinião.

CIDA SCHOENACKER

A primeira crise que se teve em 65 foi simplesmente porque começou a vim cartinha de deputado. Depois que a coisa começou a aparecer, a gente virou meio vitrine. Daí todos os caras importantes queriam colocar seus filhos aqui e diziam nas cartinhas “Matricule-os”, e a diretora simplesmente não matriculava.

LUCILIA BECHARA

Maria Nilde sempre foi muito resistente a qualquer tipo de intervenção. Não só Maria Nilde, mas toda equipe de coordenação que trabalhava com ela. Então foi uma coisa unânime da equipe de resistir a essa pressão.

CECÍLIA GUARANÁ

E a diretora não aceitou, foi afastada. Depois houve uma mobilização geral e elas retornaram.

LUCILIA BECHARA

Vieram todos os profissionais. Barretos, Batatais, Americana. Vieram todos aqui. Aqui nesse pátio teve uma assembléia com pais...

PEDRO POMAR

Meu pai era militante do Partido Comunista do Brasil. Meu pai chama-se Vladimir Pomar. Havia uma perseguição muito grande aos partidos clandestinos todos, inclusive ao PC do B. E eu me lembro que ele chegou e disse: “Olha, você vai ter que mudar de nome”. E eu tinha que escolher um nome, e escolhi um nome de um colega que era o Marcos, aí passei a me chamar “Marcos Soares”. Um nome bastante comum e tinha que ser comum mesmo que era pra não chamar

atenção.

Eu entrei no Vocacional, e se havia um vestibulinho eu entrei porque eu passei. Eu era um aluno como qualquer outro. Não houve nenhum tipo de deferência ou de “passa moleque” ou qualquer coisa parecida para que eu entrasse de maneira cochanbrada, por que eu tinha uma ligação... Não havia isso.

NELSON SANCHES

E o Vocacional começou a ser visado. Eles começaram a sentir que aqui a filosofia educacional era formar o cidadão consciente, que questionava, não recebia nada de graça. “Então isso aqui vai ser uma bomba, no futuro isso aqui vai ser uma bomba”.

DOCUMENTO DE ALUNOS

Quais as causas e fatores que determinaram o subdesenvolvimento do Brasil e da América Latina?
Deficiência de assistência social e alto crescimento demográfico.

Fome e dependência da política estrangeira.

Desemprego como consequência da monocultura latifundiária e técnicas arcaicas.

Falta de aproveitamento dos recursos naturais e meios de comunicação.

Desequilíbrio econômico entre indústria e agricultura. Produção primária e más condições de trabalho.

PEDRO POMAR

É preciso dizer que realmente o Vocacional era subversivo. Do ponto de vista da ditadura era subversivo porque se você bota alunos para pensar, para fazer uma reflexão sobre a realidade, não havia nada mais subversivo do que isso para a ditadura. Essa escola tradicional, a educação vai em mão única, enquanto que no Vocacional, não.

É como diz a Maria Nilde: “Nós não queríamos tratar o aluno como um número”. Logo, o aluno era gente. Logo, ele podia pensar porque gente tem esse hábito. Gente tem esse defeito de pensar. Então isso não podia.

HOMEM SEM NOME 3 DO LADO DA LUCILIA

Eu tive a felicidade de levar meus alunos de Americana até a Bolívia. Então nessa época nós ficamos hospedados nos quartéis de fronteira. Nossos alunos tiveram uma reunião com o alto comando da região. Começaram a fazer perguntas sobre as fronteiras secas, qual era a filosofia de integração. Chegou uma hora, depois de duas horas, o general bateu na mesa e disse: “Está encerrada a reunião. Quero saber quem mandou fazer essas perguntas?”

“Aqui ninguém determina. Nós é que fazemos as perguntas. Nós elaboramos o nosso planejamento, a nossa aula plataforma.” Os próprios alunos deram uma aula de como era o planejamento do Vocacional. “Ah, então está encerrado, vocês estão dispensados.”

Então eles começaram a sentir que os alunos estavam sendo extremamente politizados, que não era a intenção.

ALUNO

“Ademais o Vocacional. É que ele faz com que, leva o aluno a situar-se diante de uma realidade. Quando a gente se situa nessa realidade, então a gente passa a enfrentar essa realidade porque a gente está dentro dela. A gente está entrosado no negócio.”

KOJI OKABAYASHI

Me recordo por exemplo, as primeiras participações foram aquelas passeatas. Abril Sodré levando, não sei se eram um tomate ou um ovo na praça da Sé. O que a gente fazia? Era preparar material

para fazer panfletagem, era fazer pichação na rua. O que era talvez a atividade mais emocionante porque todos nós achávamos que o risco era grande.

SILVIO KALOUSTIAN

E um fato marcante foi em 1968. Um estudante, Edson Luís foi assassinado e eu me lembro que recebemos aqui um conjunto de estudantes, não lembro de qual escola, e eu fui escolhido, sorteado, como eu era muito magro na época, e eu peguei uma bandeira preta e subi no teto da nossa quadra esportiva e pendurei a bandeira junto da brasileira. Com certeza na época eu não sabia a dimensão daquele ato, eu fui saber disso alguns anos, algumas décadas depois, mas isso me marcou. Fiquei contente por isso.

CIBELE BRAUN

A gente de certa forma era tão pequeno quando a gente aprendeu a olhar para tudo isso que começou a fazer parte assim do coração da gente.

JOÃO SIGNORELLI

1968, aquela efervescência política. Ao mesmo tempo que tinha treze anos, mas convivia com pessoas politicamente mais avançadas. De repente eu me vi na rua, no centro da cidade com bolinha de gude, jogando para cavalaria tropeçar, junto com meus colegas de escola. Sem entender muito bem direito, mas sabia que a situação política era muito difícil. Então abriu esse mundo que a minha cabeça foi ficando assim enorme, enorme.

RENATA CROMBERG

14 de Dezembro, senão me engano de 1968. A Olga Bechara me chamou do lado e falou: “Você vai ler isso”. E ela tinha uma cara de pavor e ela falou “Você leia isso da forma séria que você conseguir.” E eu me lembro que eu senti que era uma coisa muito importante, muito séria que estava preocupando muito os adultos. E eu li que tinha acabado de ter sido decretado o AI- 5.

ALUNO

“Do ponto de vista histórico temos que considerar o fato de o Brasil e América Latina terem sido colônias até o século XX. A sua economia era de caráter exploratório sendo que algumas estruturas montadas naquela época ainda permanecem, dificultando o atual desenvolvimento. Como por exemplo...”

PEDRO PONTUAL

Eu acho que a aprendizagem dessa visão crítica à respeito da realidade brasileira, ela em primeiro lugar tinha que ver obviamente com um tipo de educação que caracterizou a nossa escola, o Vocacional, preocupada em fazer o que o Paulo Freire costumava chama de “desvelar” a realidade.

ÁUREA SIGRIST

Em termos de São Paulo, nós sempre sofremos uma pressão interna da Secretaria da Educação. Por pessoas que queriam simplesmente acabar com a experiência porque tinham outra maneira de pensar, tinham uma cabeça fechada, achavam que aquilo era jogar dinheiro fora, coisas do tipo.

E havia que aqueles outros que não queriam fechar a experiência, mas que queriam o lugar da professora Maria Nilde a todo custo. Então era um problema, porque me lembro que houve um ano que fomos receber o salário de Janeiro em Maio. Então a gente se ajudava da maneira que podia, a Associação de Pais emprestava dinheiro.

CIDA SCHOENACKER

Houve realmente uma entrada grande de gente da esquerda, e gente da pesada, e por outro lado nós tivemos uma infiltração de Direita... Houve uma tentativa de infiltração dos dois lados.

ÂNGELO SCHOENACKER

E daí nós sofremos as consequências. Porque você precisava caminhar em cima dessa navalha.

LUCILIA BECHARA

E a Maria Nilde não era uma pessoa de esquerda tão declarada, mas era uma pessoa revolucionária em ideias e em pensamentos

OFF DE EX ALUNO

Eu classifico a Maria Nilde como uma pessoa extremamente cristã, democrata e humana.

SILVANA MASCELLANI

Tinha várias relações com a Igreja Católica? Com certeza. Inclusive amiga dos Bispos todos progressistas da Igreja.

ANTÔNIO PEDRO ZAGO

A Maria Nilde me parecia sempre uma pessoa democrática. Era aberta as colocações da gente. Ela nos deixava totalmente livres em termos de opções políticas.

HOMEM SEM NOME 3 DO LADO DA LUCILIA

Quando eu fui afastado. Sei que três, quatro dias depois eu fui “convidado” à ir para Campinas. Para o GCAM de Campinas porque eu fui taxado de guerrilheiro em Americana porque eu fazia as técnicas de acampamento do Vocacional. Quando eu cheguei em Campinas me disseram que era guerrilheiro eu disse “eu acho que você está mal informado”. “me desculpe, mas eu não sou guerrilheiro. Eu sou um professor de Educação Física que trabalha técnica de acampamento e as barracas que estão lá são do exército e quem as levou foram o seu Tenente. As barracas eram do GCAM. Eu nem tive o trabalho de montá-las. Quem montou foram os soldados e os sargentos do GCAM. E na noite que a gente fazia o “fogo do conselho” o Tenente que montou foi assistir e você pergunta para o Tenente o que foi dito.

LUCILIA BECHARA

Eu estava grávida, com a barriga desse tamanho, e tive que responder, eu fui várias vezes dar depoimento sobre o Vocacional.

HOMEM SEM NOME 3 DO LADO DA LUCILIA

Foram no nosso apartamento, levaram tudo.

Eu tinha obras do Josué de Castro e vinham dizer que eu era subversivo. “Mas isso aqui era uma obra que qualquer livraria tem.” Que era “Filosofia da Fome”, “Pô, os caras são assim.”

ÂNGELO SCHOENACKER

E o grande problema ocorreu em Americana com um professor que era da minha área, que eu tinha determinado certas coisas para ele fazer, inclusive aprender estamperia, coisa que ele não sabia e ele precisava aprender para ensinar para os alunos. Ele se negou a fazer, me enrolou etc. Chegou no ano seguinte “Você não continua, tá?”

ÁUREA SIGRIST

Ele veio para São Paulo e foi dito a ele que ele estaria desligado a partir do ano seguinte. E que ele passasse na parte do Advogado, Dr. Primo, para acertar a questão jurídica. Então ele disse: “Olha, ou você me deixa no Vocacional ou eu entrego isso no exército”. E “isso” era uma carta onde ele dizia que eu o tinha mandando embora porque eu era comunista e ele era cristão.

LETTERING

“Peça de Inquérito. Dirigido ao Ministro da Justiça por Francisco Cid. Professor demitido do Ginásio Estadual Vocacional e quem denuncia atos de corrupção e subversão praticado ou inspirado pelas seguintes pessoas: Área Cândida Sigrist.

ÁUREA SIGRIST

Em junho de 1969 a professora Maria Nilde tinha aberto o Diário Oficial em que dizia que “Área Cândida Sigrist, diretora do Vocacional de Americana foi destituída do cargo para atender a processo do SNI”, coisas assim.

E ela foi saber por que e o general disse que tinha acusações que eu seria comunista, quis convencê-la a dizer que realmente ela estava desconfiada de mim porque quem sabe eu seria comunista ou não. Ela se negou peremptoriamente a isso. Então lhe foi dito o seguinte: “Ou ela assinava alguma coisa dizendo que eu era comunista, ou coisa que o valha, ou rolaria a cabeça dela.”

Então ela pegou a bolsa e disse “então rola a minha cabeça”.

E no dia seguinte realmente o Diário Oficial publicou a destituição dela.

LETTERING

“Francisco CID, julgando-se injustiçado, atuou com todos os meios contra Áurea Cândida Sigrist e Maria Nilde Mascellani”.

ERICH HETZL JR.

Passou a chamar João XXII a escola Vocacional onde funcionava os prédios e as instalações. Passou a voltar ao ensino tradicional. E para surpresa nossa, um dos professores que destoava dos demais acabou sendo o diretor da Escola. Posteriormente nós soubemos que ele teve uma participação bastante ativa nas denúncias junto ao Governo desses professores. Quer dizer, um professor que conspirou e traiu muitos professores da época.

CECÍLIA GUARANÁ

Em 1969 foi o pior. Maria Nilde já estava afastada em Julho mais ou menos. E foi em Dezembro, um dia que nós estávamos aqui em São Paulo, foi no mesmo dia que eles marcaram uma visita, uma invasão das escolas. Então todas as escolas foram “visitadas” pela polícia militar.

OLGA BECHARA

Chegaram os militares. Fecharam as entradas e as saídas. Todos nós ficamos lá. Eles começaram a devassar. Foram para salas de aula, não sei se conversaram com vocês porque eu fiquei presa aqui dentro de uma sala. Foram às bibliotecas. Até interessante porque todas as capas vermelhas eles levaram.

ANTÔNIO PEDRO ZAGO

E eu me lembro que a gente ficou o dia inteiro lá sem poder sair. Pais, as pessoas que estivessem lá, alunos até, para responder, para aguardar à intervenção que estava sendo feita.

ANDREA MARIA PAVEL

E eu fui até a sala de EM - Educação Musical que era uma sala que ficava distante de onde os militares estavam, onde a Polícia Federal estava. E chegando nessa classe estavam todos os professores detidos e trancados e foi assim uma emoção porque eu tive que pegar o nome todos deles e pegar os telefones e avisar as famílias porque eles estavam ali sem comunicação.

REINALDO SALVATTI

Muitos professores, muitas pessoas preocupadas com os termos de alguns relatórios do tipo “sociabilidade”, coisas desse tipo, jogaram muitos papéis nos banheiros porque “sociabilidade”, os militares podiam relacionar com Socialismo.

LÚCIA HELENA GAMA

A polícia rodeava com helicópteros a escola e eu lembro que a gente combinou de ir todo mundo vestido com o uniforme da escola de Educação Física que era branco e vermelho, com tênis branco e vermelho, não lembro. Mas a gente escreveu uma palavra com os nossos corpos no chão da escola que era para o helicóptero... A hora em que o helicóptero foi chegando a gente falou “é agora”. E todo mundo deitou no chão e escreveu a palavra “cú” bem grande no pátio da escola, que era a nossa vingança adolescente contra aquela situação completamente opressiva. Porque estava todo mundo grudado um no outro com muito medo, mas com muito certo de que era aquilo que a gente tinha que fazer porque estava muito pesado aquela situação.

TONI VENTURI

Alunos, pais e professores, todos nós ficamos órfãos depois da demissão da Maria Nilde e sua equipe.

O choque entre esta escola libertária e a ditadura militar foi catastrófico. O ambiente ficou muito estranho... baixo astral.

Lembro que as aulas de Educação Sexual foram substituídas pelas de Educação Moral e Cívica.

Não consigo esquecer do professor; era um capitão do exército, que dava aula fardado.

ANTÔNIO PEDRO ZAGO

Em 70, por volta de junho, ele entrou na rede comum das escolas. E perdeu o nome “vocacional” a partir dali. Os pais se reuniram e criou-se uma comissão de defesa do Vocacional e houve toda uma luta aí dos pais no sentido de preservação do Ensino Vocacional.

RENATA DELDUQUE

Depois eu lembro do diretor-interventor. Não lembro o nome dele... Artur. Então se tinha alguma pessoa pelo qual a gente não tinha respeito, nenhum. Sinto muito, não conheço pessoalmente eu era uma criança. Mas esse Artur que obviamente era uma pessoa fraca. Era uma coisa que a gente sentia. Uma pessoa fraca.

GUSTAVO VENTURI

7 de setembro até então não era uma atividade obrigatória. Não tinha aquela coisa “ah, data cívica. Todo mundo tem que ir da escola”. Não. Mas naquele 7 de setembro de 1971 foi a primeira vez em se baixou um decreto em que tínhamos que estar. Quem faltasse não só ia perder nota em Educação Musical como ia perder ponto em outras matérias. Bem, viemos com o espírito já muito contrariado. Começam os primeiros acordes para se tocar o hino nacional. Tá todo mundo enfileiradinho de uma maneira que nunca tínhamos feito. “A obrigação de cantar o hino, todo mundo enfileiradinho”.

E as vozes vão num crescendo, num crescendo. Mas de repente começam a diminuir, diminuir e pára no meio do hino. O Arturzinho fica muito bravo, pega o microfone e faz um discurso inflamado sobre civismo etc. Com coisas que para nós não tinham significado. “E vamos nós de novo.” Professora Emma dá os primeiros acordes e tal e começa o hino, e de novo ele declina e pára. Aí acabou a “festa cívica” oficial.

LETTERING

“Conclusões sobre o Ensino Vocacional. Tratava-se de um sistema de ensino caro que usufruía de uma situação privilegiada e ampla autonomia. Foi uma experiência prolongada e onerosa de ensino que, ao que tudo indica, não produziu os resultados planejados. Não ensejou o desdobramento que sempre se espera de uma atividade experimental. Ofereciam ambiente propício às indagações e à instilação ideológicas na mente dos alunos, em que agentes subversivos atuam sub-repticiamente nos meios estudantis. As constatações indicam um sistema de ensino de conteúdo socializante.”

"Relatório do II Exército - Quartel General - São Paulo 10 de Dezembro de 1969."

MAURÍCIO NACIF

Eu fui da turma última ou penúltima que conseguiu pegar de ponta a ponta. A gente tinha no currículo que estava muito além dos currículos das escolas da época. E sobretudo exercer a crítica que acho que isso era o mais fantástico que o Vocacional pode ter deixado de legado para as pessoas. A capacidade de você ser crítico.

GUSTAVO VENTURI

Quando eu voltei aqui uns dez anos depois. Acho que no final dos anos 70, meados de 80 talvez. Uma das coisas que mais me chamou atenção foi a quantidade de cercas e barreiras que tinham sido postas a longo da escola dividindo o espaço.

TONI VENTURI

É uma jaula?

GUSTAVO VENTURI

Uma jaula.

TONI VENTURI

Não tem mais nada.

GUSTAVO VENTURI

Durantes muitos anos o que havia de maquinário ficou congelado, absolutamente empoeirado, cheio de teias de aranha, trancado dentro da sala. Como se estivesse parado o tempo ali. Fecharam a sala, acabou o Vocacional.

Enfim, foi uma pena que a história tenha batido de frente nesse tipo de coisa. Acho que o Brasil seria melhor se tivesse generalizado isso. Não teríamos passado a tantos traumas e hoje seríamos uma sociedade mais justa certamente.

SILVANA MASCELLANI

E ela não foi torturada porque invadiram a casa. Porque quando invadiram, estava meus pais e eu, foram no quarto dela, mexeram nas coisas dela e acharam um envelope que eles acharam ótimo que eram “fotos importantes”. Eram todas as radiografias dela. Com os laudos: Uma artrite feroz. Então, o laudo dizia que se encostasse nela ela morria, por isso ela não foi torturada fisicamente.

Ela passou dois meses na solitária.

Ela tinha um amigo que era o padre Giorgio Caligari. Eles encenaram o suicídio dele ali no DOPS para ela ouvir. A morte do meu pai, de ataque cardíaco por conta dela, duas vezes. Levavam encapuzada até a Guarapiranga e encenavam que iam matar. Sabe roleta russa? Só que o revólver ta descarregado? É isso.

O Fleury partiu para xingar, para dizer horrores para ela. Chegou um hora ela perdeu a paciência quando ele disse que ela como amante de Dom Paulo devia ficar muito “contentinha” do amante dela ter ido lá. Ela não teve dúvida virou a mão na cara dele e disse que ela não era uma das “nega” dele para ele dizer isso para ela.

ELISA PITOMBO

Maria Nilde saiu da prisão pelas mãos de D. Paulo. Ela sentou-se nesta casa e relatou o que ela viu na prisão. Toda a questão que ela sofreu. Nesse momento eu tive minha primeira crise existencial e fiquei muito abalada juvenzinha em ver uma pessoa tão boa tão competente sendo prejudicada.

PAULO PITOMBO

Eu tinha ouvido falar que o Geraldo Vandrê tinha pirado depois da cadeia. E a minha preocupação era esta: saber se ela tinha pirado para continuar ou não o trabalho dela. Será que ela ta íntegra? Porque a ideia era essa. Passava por aquele moedor de carne da ditadura, se ela estava íntegra. E ela estava porque depois ela fez muitos trabalhos com o meu pai na PUC depois, continuou trabalhos.

CIDA SCHOENACKER

Ela tinha um âmbito de relacionamento muito grande. Ela foi ser Secretária de Educação de Rio Claro, ela tinha um trabalho junto ao D. Paulo, D. Paulo Evaristo genial ne? Trabalhos comunitários muito bons. Isso segurou a Nilde, vamos dizer assim.

ÂNGELO SCHOENACKER

Isso porque quando ela saiu nós montamos a RENOV que era para dar assistência para as escolas públicas. Nós ficamos só com as escolas religiosas porque as públicas houve gente que dizia “oh, esses caras são subversivos, assim, assim.”

CIDA SCHOENACKER

Acho que uma coisa que interferiu muito na vida dela foi a artrite.

ÂNGELO SCHOENACKER

Sofreu com artrite reumatóide que eu posso dizer que tinha dia que ela largava e ia deitar um pouco porque ela não agüentava de dor.

SILVANA MASCELLANI

Nos últimos 20 anos na questão de saúde foi melhor. Novos remédios, novos tratamentos, ela manteve um controle da artrite. Motivo pelo qual ela morreu. Ela passou 51 anos tomando remédios fortíssimos. Não conseguiu segurar o ritmo cardíaco de jeito nenhum. Foi uma arritmia rápida. Passaram a noite tentando contornar com marca passo. Não conseguiram e ela faleceu.

TONI VENTURI

Em 1970, com 15 anos, eu estava terminando o Ginásio, desolado pelo fim do ensino vocacional e a confusa situação do país.

Aí, tive a infelicidade de ser influenciado pelo marketing de uma escola vendida como inovadora,

que era tudo que eu queria naquele momento.

Fui da primeira turma do Colégio Objetivo. Descobri que aquilo era o oposto do Vocacional.

Passei a questionar o método de ensino e com isso a ter sérios problemas de disciplina. Um tipo meio tímido como eu virou aluno problema.

Acabei sendo expulso em menos de seis meses.

ERICH HETZL JR.

Então nós passamos maus bocados. Eu por exemplo que estava acostumado a ter liberdade para discutir com os professores, debater, fazer reuniões em equipe. Hora em que cheguei aqui no ensino tradicional e científico... Chamada oral toda aula, professor punha matéria na lousa e ficava voltado para parede, parecia uma metralhadora falando. Não dava oportunidade de perguntar etc.

MAURÍCIO NACIF

Teve gente que não conseguiu se adaptar. Não sei, eu perdi contato com muita gente mas me lembro que na época que teve gente que mudou de escola, foi aluno problema em outra escola porque não aceitava a ordem, enfim, sem questionar.

ANTÔNIO PEDRO ZAGO

Rapidamente esse aluno recuperava o que havia perdido. Perdido não. O que não lhe tinha sido dado em termos de conteúdo porque ele tinha instrumentos. Era isso que o Vocacional trabalhava.

MULHER SEM NOME 2

E fomos para colégios tradicionais. Tivemos a primeira prova de História. Uma prova de testes. Nós éramos em oito do Vocacional naquela sala do Alberto Conte. Nós não nos comunicamos, os oito entregaram a prova em branco. Nós estamos aprendendo História, nos pergunte sobre História. Não nos faça pôr um "xizinho". "Muito bem. É isso que os senhores querem!. Uma prova para cada um. Um tema para cada um dissertativo e eles vão fazer na minha sala." E fizemos a prova lá. Entregamos, "vocês podem voltar para sala." Ótimo! Todo mundo ansiosíssimo para próxima aula da História com as provas. Prof. Alcione chegou... "Fulano... Fulano..5, 6". As nossas oito eram as últimas provas. Aí foi: "1, dez, 2 dez, 3 dez, 4 dez, 5 dez, 6 dez, 7 dez, 8 dez".

E o Alcione disse: "Eu peço desculpas aos senhores, e à classe um comunicado: A partir de hoje nós não teremos mais prova de teste".

KOJI OKABAYASHI

Essa questão do ensino público talvez seja o nó górdio do país. Porque não tem jeito. Como é que você vai construir um país. Primeiro, sem uma população jovem bem formada. Eu diria que hoje nós não temos isso aí. Nós temos assim mal e porcamente um pessoal que sabe ler e escrever. E não tem a menor condição de pensamento estruturado. Eles não conseguem desenvolver as habilidades necessárias para viver no mundo que está aí.

ÁUREA SIGRIST

Os professores atuais são frutos daqueles alunos que foram incrivelmente mal formados. Eu nem estou falando em termos de visão de mundo, porque de visão de mundo eles não tem nenhuma, em termos de cultura geral, de ensinar o menino a raciocinar. O que seria base do senso crítico. Eles não têm condições. Eles não raciocinam.

ÂNGELO SCHOENACKER

É o vendedor de lição no atacado e no varejo. Quanto mais aulas ele dá um pouquinho a mais de salário ele vai ter. Isso precisa mudar. O professor precisa ser colocado à disposição do estabelecimento de ensino para fazer educação.

KOJI OKABAYASHI

Algumas pessoas conseguem acesso às melhores escolas. Existem essas ilhas de excelência? Existem. Na rede pública e na rede privada. Na rede pública, talvez pelo esforço isolado de algumas pessoas. E na rede privada porque elas fizeram um grande investimento. Então elas tem os melhores profissionais, os melhores materiais, os melhores equipamentos e conseguem dar conta de um ensino de padrão superior. Mas é minoria. Então, educação para a minoria talvez é sinônimo de fracasso no futuro.

SILVIO KALOUSTIAN

A Educação tem que ter um fundamento ético que respeite a diversidade. Nós podemos felizmente enxergar que toda essa busca de uma educação de qualidade hoje, nós tínhamos aquilo assegurado numa escola pública e com naturalidade. Não foi uma aventura pedagógica, a educação que o sistema de ensino Vocacional oferecia aos seus alunos são as bandeiras que hoje a sociedade brasileira e a sociedade mundial estão buscando. Para termos uma experiência, não igual aquela, aquela foi boa naquele contexto, naquela conjuntura. Mas para o Brasil de hoje, para a sociedade brasileira de hoje.

A obra de desmantelamento da escola pública brasileira foi iniciada, agora a obra da recuperação pode ser feita também.

TONI VENTURI

35 anos depois do fim do ensino vocacional, alguns ex-alunos passaram a se encontrar espontaneamente e refletir sobre aquele período.

O grupo foi crescendo, chegando às centenas de pessoas, e assim foi fundado o GVive - a Associação dos ex-alunos e professores.

O Vocacional nos marcou pra sempre. E me faz pensar que é possível sim! Uma educação viva, verdadeira, pro rico e pro pobre, que forma gente que pensa.

OFFS DE EX-ALUNOS

Eu acho que o legado do projeto Vocacional é que é possível educar de uma maneira ampla e mais aberta e com liberdade.

Eu acho que uma das contribuições fundamentais do Vocacional é mostrar a possibilidade de uma escola pública de qualidade.

Essa escola gerou na existência dela, pessoas que hoje são cabeças pensantes desse país.

Eu tive a felicidade de fazer parte de uma das mais belas páginas da história da Educação Brasileira.

Eu fui feliz.

ESMÉRIA ROVAI

A pedagogia do Vocacional continua absolutamente atual. Ela trabalha com princípios psico pedagógicos e com valores fundamentados no Homem.

OFFS DE EX-ALUNOS

A concepção dessa escola era preparar a gente pra mais longe.

De fazer sua parte, de fazer diferença no mundo.

RENATA CROMBERG

É uma coisa que fica um núcleo dentro de si do sagrado mesmo. Que você sabe que aquilo vai ficar para sempre.

JOÃO SIGNORELLI

Quando você reflete, anos depois. Pôxa, eu estudei numa escola que me ensinou a pensar. É maravilhoso! Te forma para toda a vida!

FIM